



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

21 de Fevereiro de 2004 • Ano LX • N.º 1564
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

TRIBUNA DE COIMBRA

Hermínio

O Hermínio foi o único rapaz que não regressou depois do Ano Novo. Como sempre revelou algum défice de autonomia; logo os outros rapazes, seus companheiros, pesados quanto ao seu futuro, disseram: «Foi pressionado...» O certo é que não regressou e é uma pena porque quebrou um ciclo de estabilidade, crescimento e formação que a família não é capaz de lhe dar. Preocupação nossa e da APPCDM, de Coimbra, que conosco partilhava a vontade e meios de fazer dele alguém válido para a vida. De facto, ali gozava de grande estima e estava a revelar, para surpresa de todos, um desempenho excepcional para as suas capacidades. Tudo executava com perfeição.

Como a sua colocação cá em Casa partira do Tribunal e ainda era menor — tinha 17 anos — comunicámos o caso na esperança de obter ajuda que apressasse o seu regresso. Nós, hoje, com a saga anti-institucionalização de menores, quase endémica e irreflectida, onde tudo cabe no mesmo saco, ficámos com a triste sensação de estar a pregar no deserto. Mas, aqui nem é o caso. O Tribunal, um Tribunal de Comarca, ao rever recentemente a medida de protec-

ção exprimiu-se em termos que não resistimos à sua transcrição por nos parecer que, para além do cumprimento da lei, nos sugere uma adequada e sábia aplicação da mesma: «... dos autos conclui-se que foi na Casa do Gaiato que o menor encontrou um ponto de apoio ao seu desenvolvimento equilibrado e os cuidados próprios para as necessidades específicas que sentia... Neste caso específico não se nos afigura ser possível colocar o estrito cumprimento da lei à frente dos interesses do menor, impondo neste momento um fim abrupto na situação que tem vindo a viver.»

Entretanto, o processo transitou da Comarca para um da especialidade nas questões da tutela que até à data apenas nos solicitou um pedido acerca da morada da mãe. Entretanto, o tempo vai passando e com ele a sensação de perda de tempo, tempo que irremediavelmente nunca mais se recuperará sem danos no trabalho educativo já dispendido. Sentimo-nos impotentes para fazer algo. A família tem poder quase absoluto. A sua influência é um dado incontornável da natureza pelo que só um grande discernimento, neste caso ausente, poderia levar o rapaz a outras decisões que superassem o imediato. Houvesse lá por perto um grupo sócio-caritativo que «pregasse» a esta gente... era uma preciosa ajuda.

Padre João

MOMENTOS

Comunhão

DURANTE os meses de Novembro, Dezembro e Janeiro as Casas do Gaiato e o Calvário foram inspecionadas dos pés à cabeça.

O Estado, que ainda aqui vem comer, aparece com a (des)autoridade legal, que não natural, impondo o seu poder.

Franqueamos tudo.

Nada se escondeu. Nem podíamos. Seria contra a nossa natureza de porta aberta e a nossa consciência de que quem não deve não teme.

Estamos ao serviço dos Pobres. Não de qualquer política, tenha ela a cor que tiver. Nunca estivemos. Jamais estaremos.

Homens de Fé, somos impelidos por Ela. Vemos no Pobre o próprio Deus a quem servimos e nos filhos do Pobre os Filhos de Deus!...

Quem pensar o contrário engana-se.

Não somos portadores de canudos, mas sabemos educar.

A prática de muitas gerações, é a melhor escola, e os frutos do trabalho, o melhor diploma.

Quando duvidamos não nos falta a humildade para nos esclarecermos com quem sabe mais.

Como família, vamos ao psicólogo, ao psiquiatra, ao cardiologista ou a qualquer outros técnico de Saúde.

Todas as semanas um casal de médicos passa algum tempo com os rapazes a examiná-los e a atendê-los.

Quase todos os dias os gaiatos saem para tratamentos ou consultas.

Não metemos o Rossio na Betesga.

A dor de criar homens é um grande caminho de ciência e de sabedoria.

O espírito do mundo avança cada vez mais acelerado sobre a sociedade que inconscientemente o digere como se fosse novidade e progresso quando, pelo contrário, se manifesta humanamente decrépito e espiritualmente ultrapassado.

O mundo não nos entende. Não é capaz.

Não admira pois, que nos persiga.

Somos olhados como uns malfeitores, merecendo condenação, «porquanto nos tornamos espectáculo para o mundo (...) e para os homens. Loucos por causa de Cristo, fracos e desprezíveis. Somos esbofeteados, andamos vagabundos e cansamos de trabalhar com as nossas mãos», a nossa cabeça e... o nosso coração.

«Amaldiçoados bendizemos, perseguidos suportamos, difamados consolamos. Tornamos-nos como lixo do mundo, a escória de todos.

Ainda que tenhais dez mil pedagogos, não tendes muitos pais».

Também nós, geramos em nossos corações, por Cristo Jesus, os nossos rapazes por meio do Evangelho que nos apaixonou.

As cartas, chegadas de toda a parte, são portadoras de inquietação, incitamento e coragem.

O nosso modo de viver a Fé e de educar os rapazes entrou de tal maneira na alma do

Continua na página 4

Malanje

SEMPRE que venho a Luanda, vou à Irmã Dominique. Umas vezes, dá-me queijo. Outras, leite para os rapazes e, sempre, o seu bondoso sorriso e exemplo que me tonifica.

Em si aquela Caridade do Apóstolo: «Benigna e paciente; que tudo crê, tudo espera, tudo desculpa, tudo sofre».

Aquela — no dizer de Pai Américo — que é o mesmo amor do próprio Deus em nossos peitos, a queimar vidas, a rasgar clareiras, a irradiar amor.

À porta encontrei o Calibre a quem a Irmã, no quotidiano, vai matando a fome.

O Calibre foi nosso... e pela força intrínseca da Obra — ainda é. Assim ele, naturalmente, me trata por pai.

Quanto esforço para o orientar na vida! Nada. Saiu de Casa e veio para Luanda. Algumas vezes nos encontrávamos na rua. No primeiro bar — dois galões e bolos e sempre o meu disco: — Roubo, droga e álcool não te levam a lado nenhum. Eu olhava-o nos olhos — que logo, marejados, desciam ao solo.

De buraco em buraco ficou um farrapo... Como animal acossado e perdido, encontrou uma mãe que, apesar dos seus lábios reventados pelas quedas do álcool, lhe dá o peito.

Padre Telmo

A Opinião Pública

«EIS um poder...», assim comecei há quinze dias. Mas não lhe dei número de ordem. Hoje, atrevo-me a dar-lho, exactamente o

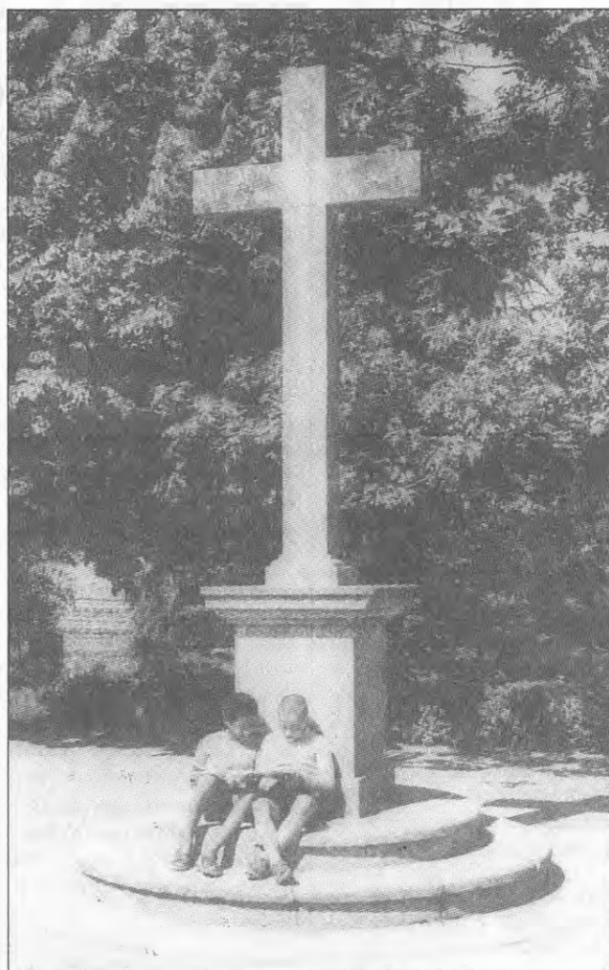
título de um artigo de muito interesse que li recentemente na edição portuguesa de «Le Monde Diplomatic»: O quinto poder.

É que aos três poderes

tradicionais — legislativo, executivo e judicial — que, mesmo em exercício de recta intenção, sem pressões de interesses alheios aos seus óbvios objectivos, não estão isentos de errar, se juntou o que há vários anos é designado pelo *quarto poder*, assumido pelos meios de comunicação social e por quem os age, na consideração do dever de denunciar os atropelos aos direitos humanos tantas vezes consumados.

É bela a motivação que dá ser e digno de admiração o ideal que anima o primeiro período da existência notada deste *poder*, então reconhecido como «a voz das pessoas sem voz», pois que, «graças ao sentido cívico dos *media* e à coragem de jornalistas audaciosos» (muitos pagaram com a vida a sua audácia!) era ele o instrumento «de que os cidadãos dispunham para criticar, rejeitar ou contrapor democraticamente decisões que podiam ser iníquas, injustas e até criminosas contra pessoas inocentes».

Sim, belo e heróico este período da história do *quarto poder* quando eram a verdade e a justiça, pilares do Bem Comum, que davam o carácter do sentido cívico dos *media* e da coragem de jornalistas que não hesitaram em sacrificar a sua comodidade, até a pôr



«Enquanto o mundo rodopia, a Cruz permanece em pé» — Pai Américo.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CONTAS 2003 — Durante o ano recebemos dos Leitores d'O GAIATO 22.882 euros e 494 de receita diversa.

Visitámos regularmente 15 famílias pelas quais distribuímos em auxílio 8.000 euros, 3.500 na doença, 9.300 na reparação de dez habitações do Património dos Pobres, e ainda 3.000 em regime de Autoconstrução.

Um trabalho duro e muito rico do ponto de vista sobrenatural.

A nossa gratidão a todos os Leitores — em nome dos Pobres.

DOENTES — Já temos dito, muitos doentes que nos abordam, quase diariamente, precisam de medicamentos para o mal que sofrem, pois não têm nada de ninguém: — *Não temos nada para irmos à farmácia comprar remédios...*

A maior parte deles são idosos(as). Alguns mais não têm além da pequenina reforma para rurais. Outros, pior, não têm seja o que for: — *Não temos reforma nenhuma...!*, dizem com tristeza.

Exactamente por isso, a alguns Pobres, em devido tempo, damos a possibilidade de se colectarem na Segurança Social. E, desta forma, porque trabalhadores rurais, conseguem, ao menos, a hipótese de, na hora própria, conseguirem pequenina reforma.

Hoje acudimos a três pessoas que, não fosse o nosso auxílio, pelos nossos Leitores, já teriam falecido: — *Não fosse a ajuda que nos dão, o que seria de mim?!...*

Ainda há quem diga que *não há Pobres!...*

Os que referimos, acima, são dos mais carentes, fora da vista dos vulgares cidadãos.

Deus permita que possamos ter sempre o necessário para acudirmos a esta gente, especialmente aos que mais sofrem.

A dita *Segurança Social* regula-se por leis, não olha para estes que precisam, por isso, do apoio de cristãos e homens de boa vontade que servem os mais abandonados. É o caso.

Pedimos, agora, à farmacêutica para nos dar a factura do mês de Janeiro: — *São 345 euros*. Mais de sessenta contos!

Vejam o montante que distribuímos, neste aspecto, pelos doentes pobres de Paço de Sousa.

PARTILHA — Assinante 53241, do Luso, 25 euros «para satisfazer a nossa contribuição do mês de Janeiro, cuja aplicação ficará ao vosso melhor entender».

Setenta e cinco, da assinante 14493, do Porto, pedindo desculpa «do que consegui arranjar, de momento, para a Confe-

rência do Santíssimo Nome de Jesus, referente ao mês de Janeiro. Chegará? No caso negativo, espero que façam o favor de me dar conhecimento para a morada habitual, no Porto, porque nesta data me encontro a fazer tratamento nas Caldas. A velhice não perdoa e, às vezes, as dores suportam-se mal».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VISITAS — Recebemos a visita do sr. António Oliveira, presidente do Penafiel F. C. e ex-treinador da Seleção Nacional e do F. C. Porto, próximo campeão nacional, espero eu.

ESCOLA — Os rapazes da E. B. 2/3 de Paço de Sousa, parece que estão a melhorar as notas para passarem de ano e continuarem a lutar por aquilo que querem ser, no futuro.

RAPAZES NOVOS — Recebemos o Tó-zé que se está a habituar muito bem. É um excelente guarda-redes e anda no 5.º ano. Que se faça, nesta Casa, um Homem.

TANGERINAS — Recebemos uma quantidade delas. Esperamos que sejam boas. Obrigado ao Mosteiro de Sinverga que no-las ofereceu.

CIRCO — Temos um Circo à beira de nossa Casa. Esperamos que os seus responsáveis nos convidem a assistir ao espectáculo.

Rolando Filipe

DESPORTO — Por falta de espaço, ainda não tínhamos dado conta do jogo entre os Iniciados e o Pedrouços Atlético Clube. Jogo que decorreu com a maior normalidade e mais uma vez, a vitória ficou do nosso lado, com golos de Rolando (2); «Bolinhas» (2); Abílio (1); Licínio (1) e Ricardo Sérgio (1) contra três do adversário.

Os mesmos Iniciados, também defrontaram na semana seguinte o F. C. de Gandra, com quem perderam e bem, por 1-3. No final do encontro, a equipa visitante ofereceu-nos um Cabaz de Natal, que nós agradecemos e que foi entregue ao nosso Padre Manuel Mendes.

Depois de ter acabado este jogo, começou o dos Sêniores que receberam os conhecidos: «Passarinhos da Ribeira» a quem ganharam por um golo, que mais parecia um «peru» do que um «frango».

O jogo acabou era já noite, pois, não temos iluminação no nosso campo e tanta falta faz! Ofereceram, ainda era dia, a todos os nossos jogadores, várias camisolas dos também conhecidos «Super Dragões».

RETALHOS DE VIDA

Bruno

Sou o Bruno Daniel. Tenho 12 anos. Nasci em Faro a 21/11/1991.

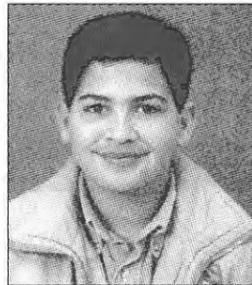
Gosto de estar na Casa do Gaiato, onde poderemos ser homens — se quisermos — pois temos tudo o que é preciso.

Fora da Escola, trabalho na lavandaria com duas senhoras.

Vim para a Casa do Gaiato porque os meus pais separaram-se...

Agora, frequento o 4.º ano do Ensino Básico.

Quando for grande, gostaria de ser cabeleireiro.



Bruno Daniel

Foram muito simpáticos, como aliás, todos aqueles que durante o ano por aqui passam.

Os Infantis começaram o ano de 2004 a jogar com o União Desportiva Lavrense, com quem perderam. Um jogo agradável de ver, onde toda a gente que assistiu, ficou encantada com os nossos mais pequeninos. São traquinas, são retilões, são... mas são uns amores! Desde o «molengão» do António Pedro, passando pelo «Bonguinha» e pelo «Gadanh», que é de se lhe tirar o chapéu; até ao André «Garnizé», Carlos, «Joaninha» e ao «terrível» Marcos. Terrível, mas encantador. São os melhores! Quanto mais difíceis, mais puros. Não são daqueles que

olham as pessoas por baixo, mas, sim de frente.

Pedro e Lipe da casa-mãe. Estes dois pequenos grandes atletas foram a casa da família no Ano Novo. Tinham-me prometido de que no dia do jogo (sábado), estavam cá, mesmo estando autorizados a vir só no Domingo. Pois bem! Perguntei de manhã por eles, e, todos numa só voz: — *Foram a casa. Não estão cá.* Por incrível que pareça, aqueles dois miúdos, à hora do jogo, estavam no balneário. Será preciso fazer mais comentários!? Não. Tomaram muitos com o dobro ou o triplo da idade e do tamanho, saberem honrar os seus compromissos como estas duas crianças!...

Por isso, mais uma vez, eu faço o apelo para que ninguém ponha pequenos... «troncos» no nosso caminho, para neles tropeçarmos!...

Alberto («Resende»)

TOJAL

POMAR — As nossas laranjeiras têm dado muito sumo e sobremesas do mais natural. São tão saborosas quando chegam à mesa frescas!

FESTAS — Estamos a ensaiar as peças para as nossas Festas grandes, mas, neste momento, estamos com falta de senhoras para nos ajudar a preparar a roupa e que nos acompanhem para as diversas localidades. Se alguma senhora estiver disponível nós agradeceremos imenso.

ESCOLA — Os alunos do Liceu parece estarem com vontade de estudar. Esperamos que os resultados sejam positivos.

Abílio Pequeno

SETÚBAL

ERVA — Comprámos uma gadanhira, e já começámos a cortar erva para dar às vacas. À custa dessa erva, as vacas têm dado mais leite. Todos os dias enchemos um reboque de erva

que vamos apanhar aos terrenos.

ADUBO — O «Cocas» mais uns rapazes, já começaram a ir levantar o adubo à Sapec — ADP. Há muitos anos que nos conhecem e nos oferecem adubo para as nossas terras.

CASAS-DE-BANHO — O ti Zé, o «Monchique», o Garcia e o Júlio «Mocas», andaram a aproveitar a antiga casa das tintas para fazer um aumento nas casas-de-banho de serviço. Já levantaram as paredes. Os serralheiros colocaram os tubos de esgoto. Agora falta colocar o azulejo e meter a louça sanitária.

GANSOS — O ti João veio cá um dia destes perguntar se queríamos uns gansos. Combinámos ir lá, às dez horas. Ainda não era meio-dia quando os nossos rapazes chegaram com os gansos. Eram oito e duas patas. Estas, cortámos-lhe as guias e metemo-las no parque dos patos. De seguida matámos os gansos e depenámos-os. No Domingo, à noite, a D. Conceição fez com eles uma canja.

ASSALTOS — O Ailton, na outra quinzena de venda do jornal, foi para o Jumbo. Todo o dia vendeu bem. No fim do dia, um grupo de rapazes, vendo o nosso vendedor, assaltaram-no, roubando-lhe o saco onde ele tinha o dinheiro e os jornais. Na semana a seguir o Danilo também foi assaltado. Um rapaz alto andou a perseguir-lo e acabou por o obrigar a dar-lhe o dinheiro da venda. A distribuição d'O GAIATO na rua anda muito perigosa.

João Paulo

Correspondência dos Leitores

«O GAIATO é meu jornal de predilecção, o acordar da minha consciência. Envio um cheque para pôr a minha assinatura em ordem.

Assinante 68055».

«Como é habitual por esta altura, venho enviar o meu contributo para O GAIATO, ou melhor, para a Obra da Rua, que muito respeito e admiro e com a qual me sinto cada vez mais solidário, talvez por contra-ponto com as alfinetadas insultuosas de que ela é, por vezes, alvo na chamada 'comunicação social'.

Certamente que elas não vos afectam, pois o espírito de missão e de dádiva que subjaz ao vosso trabalho, também vos torne imunes a essas 'mesquinhas', que só desqualificam os seus autores. É que essa gente não só é incapaz de vos imitar, como nem sequer vos entende, o que já é demasiada cegueira... ou má-fé.

Enfim, é problema deles. Para toda a Comunidade da Obra da Rua um abraço fraterno.

Assinante 33514».

«Venho desejar-vos que o Novo Ano traga toda a força necessária para continuarem o vosso trabalho junto

dos rapazes que tanto necessitam da vossa força moral e bons conselhos.

É com muita satisfação que leio as suas crónicas no 'Famoso', pena é que não encontrem o necessário eco junto de certas instâncias deste País, que anda tão afastado dos verdadeiros valores morais.

Assinante 23508».

«Cada vez aprecio mais aquela Obra que o Senhor nos pôs no caminho, por intermédio do nosso querido Padre Américo.

Fundada sobre a rocha, em alicerces firmes, tem resistido a todas as investidas do inimigo com uma dignidade e uma coragem que me surpreendem.

É vergonhoso como tratam esta grande Família. Mas ela vencerá, pois é Obra de Deus.

Assinante 13747».

«Sou mãe, a tempo inteiro, de três filhos. Tenho o Curso de Educadora de Infância.

A ler o vosso Jornal, sinto que nada sei e que nada sou. É um verdadeiro manual de pedagogia e de amor.

Assim, quero agradecer todas as experiências que partilham connosco e

tudo o que fazem por aqueles que são tão nossos como os nossos — mas só a vossa Obra 'trata' deles.

Isabel Silva».

«É com muito amor que mando esta quantia. Peço desculpa pelo atraso. É nosso dever construir, continuar, com uma grande Obra. Este Jornal, que nos é mandado, ensina-nos, um dia de cada vez, este caminho que nos leva a enfrentar os pequenos obstáculos da vida. São estas palavras tão carinhosas que enchem os nossos corações, o nosso interior. A volta: a coragem e a esperança. Regressa o canto. A terra abre-se em sementes que germinam e iniciam o longo caminho.

É um Jornal pequeno, mas faz tanta coisa que ninguém imagina o grande valor e tesouro que guarda perante os Leitores. O meu bem-haja pelas vossas palavras e companhia. Estejamos aonde quer que seja, existe esta companhia.

Assinante 72463».

«Os caminhos de Deus não são, decerto, os caminhos do mundo onde tão facilmente se julga e cataloga. Se tivéssemos a consciência da sombra que habita em nós, seríamos mais cuidadosos e generosos na forma com julgamos os outros. E perceberíamos melhor a misericórdia divina.

Obrigada pelo vosso trabalho e pelo vosso testemunho. Bem-hajam!

Assinante 66002».

BENGUELA

Carga muito grande

NAS minhas voltas à procura de emprego para os rapazes mais velhos, que vão dos 18 aos 25 anos, dei com uma empresa que chegou a Benguela há cerca de duas semanas. Dos 140 que agora tenho, mais de 70 vão além dos 18 anos. Se falo neste assunto, mais uma vez, é porque sinto o peso dum carga muito grande. Por isso, vou à procura de ajuda. Eles estão sempre em primeiro lugar. Não quero que vão para a rua, donde vieram, sem as condições necessárias para a vida dum cidadão normal. A primeira é o emprego e, a par, uma casa onde comecem a viver.

Há dias, veio um dos que já estão fora, muito aflito, porque não pagava a renda há 14 meses e foi ameaçado de ir para a rua. Tal não acontece nem virá a acontecer. Os pais acompanham os filhos quando começam a voar, sempre prontos a acudir em alguma desgraça que pode sobrevir, sem culpa. Aqui, foi a doença que lhe levou tudo quanto ganhava. Acompanhei-o aonde morava. Conversámos os três: Dono, inquilino e eu. Tudo ficou resolvido e a paz regressou para o recomeço da vida.

Quem me dera fossem para a sua casa todos os que saem da Casa que os criou! Na situação actual é impossível. Por isso, começam a trabalhar nos seus empregos. Vão amealhando, sempre acompanhados com muita atenção, que o caminho está cheio de lama

escorregadia. Quando chegar a hora da sua autonomia completa, vão-se. O princípio começa por um quarto alugado, que o dinheiro não dá para mais. Mas vai chegar a hora de constituírem família. É a hora da maturidade para eles e para a Casa do Gaiato, com a construção da casa definitiva própria. Filhos e mãe, de mãos dadas, realizam o sonho que vem desde o princípio.

A empresa de que falei acima é uma grande imobiliária que opera no grande Porto e, agora, também em Benguela e Lobito. Vem construir edifícios para habitação. Conversámos. Disse que não ia à procura de residências, mas de emprego para alguns dos meus rapazes. Conhece-nos bem, a partir de Valongo, pertinho da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Tornou-se mais fácil ainda o nosso encontro.

Por curiosidade, quis saber o tipo e o custo das construções. As económicas vão desde os 25.000 USD. As outras vão até aos 500.000 USD. Meus Deus! Pus as mãos na cabeça e fiquei a pensar. Não estranhem, porque estou habituado a conviver com o povo que não tem mais dinheiro, nem salário que vai além dum quartinho de adobes e uma sala, como dizem. Hoje, por exemplo, a Delfina e a Rita, a seguir à celebração da Eucaristia, porque é Domingo, vieram pedir dinheiro para comprar chapas de zinco e um colchão, porque estão a dormir no chão com os filhos e a chuva entra pelos buracos das chapas

velhas. É, como diz o Povo, um remedeio, porque a solução pobre, embora, e eficaz é uma casinha melhorada. Estas situações são a maioria qualificada do Povo.

Por isso, no comentário que fiz aos preços das habitações, disse aos amigos responsáveis da nova empresa que tão somente uma pequena minoria da população iria beneficiar do seu empreendimento. Pedi-lhes muito que não ficassem indiferentes à enorme multidão de pessoas que vão ficar a olhar para os edifícios a construir, mesmo os do tipo económico, a chorar por não terem uma empresa que construa ou ajude a construir casas melhoradas, acessíveis às suas possibilidades mínimas. Falei assim, porque conheço bem as áreas onde vão ser implantados os novos projectos. Um deles, bem perto de nossa Casa, no bairro sobranceiro à nossa Aldeia. Aqui e agora, como costuma dizer-se, são necessários empreendimentos, na área da habitação, de características marcadamente orientadas para as camadas mais baixas da população, a bem da justiça e da paz social.

Neste ponto, sem dúvida, o Estado tem um papel insubstituível no financiamento da construção de casas melhoradas. Contudo, as empresas particulares, de fora ou de dentro, não podem ficar alheias ao fenómeno das habitações extremamente pobres ou miseráveis em que vive a população, em geral.

Para já quero agradecer a atenção com que fui recebido e o interesse manifestado no atendimento ao pedido que fiz para que alguns dos nossos rapazes pudessem trabalhar na empresa.

Padre Manuel António

SETÚBAL

Contributo para lavar a «cara» da Casa

TODAS as manhãs, após o pequeno-almoço, tal como se teve o cuidado de preparar o corpo e a alma para um novo dia, assim cada rapaz, fora aqueles que já estão a caminho das escolas ou do trabalho no exterior, dá o seu contributo para lavar a cara a toda a Casa. O dia anterior foi fértil em ocasiões para sujar.

Embora seja constante o alerta para que se evite sujar o local onde vivemos, ficam sempre pelo chão as marcas desta inconsciência, que é nacional, em não ter a sensibilidade desperta para gostar de ver cada coisa no seu lugar.

Aqui há anos, apostou-se muito em querer educar desde a infância os portugueses, para este defeito que a todos deixa ficar mal. Agora, parece que a aposta está no investimento em grandes meios para recolha do lixo, fazendo-lhe autenticamente guerra.

No antes e no agora, vemos que a sensibilidade ainda não foi atingida. Construir o gosto pela harmonia e beleza é algo que se desenvolve no interior mais do que imposto do exte-

rior. O ambiente em que vivemos, não é mais que o espelho da alma que nos anima.

Nesta semana que passou, fui visitar duas famílias pobres. Em ambos os casos, as suas casas tinham condições físicas para albergar famílias inseridas com normalidade na sociedade. No entanto, a realidade é bem diferente.

Na primeira, por doença mental, carregavam para casa tudo o que fora lixo dos outros. Assim, as divisões da habitação estavam repletas de roupa suja, bugigangas e coisas diversas que tornavam o ar pestilento, incomodando toda a vizinhança. Alguém que não é vizinha, embora verdadeiramente incomodada, chamou-nos para vermos como poderíamos juntos repor, pelo menos, um ambiente sadio onde vivem aqueles Pobres.

A outra família, constituída em muito velha casa feita de adobes, vive há uma meia dúzia de anos noutra, feita por suas mãos. Com esforço e vontade de mudar, construíram a sua nova casa. Entretanto, a doença, a

velhice e a injustiça dos homens impediram uma mudança maior nos gostos e costumes. «Ainda não estávamos cá a morar quando nos assaltaram a casa. Partiram vidros e levaram azulejos e a ferramenta dos pedreiros que aqui andavam» — disse-nos o pai da família. Os vidros continuam partidos ao fim deste tempo todo.

Veio o impedimento de trabalhar, por doença, e como os descontos do trabalho não tinham sido feitos pelo patrão para a Segurança Social, nem ao dinheiro da baixa tiveram direito.

Assim se foi arruinando a expectativa de melhorar a vida, acabando esta no desleixo.

Também para que haja limpeza e asseio é preciso que haja justiça. Ela é a chave para resolver os maiores males deste mundo.

Se no nosso meio verificamos desarmonias num ou noutra rapaz, é sinal de que a marca das injustiças que sofreram no passado ainda lhes faz sangrar a alma, que o agir do corpo manifesta.

Padre Júlio

A Opinião Pública

Continuação da página 1

em risco a própria vida, como ainda acontece..., aconteceu há poucos anos (apetecia-me dizer entre nós!) em Moçambique.

Entretanto o mundo vai mudando..., mudou: «Desde há quinze anos, conforme se foi acelerando a globalização liberal, o sentido deste *quarto poder* acabou por se esvaziar, perdendo pouco a pouco a sua função essencial

de contra-poder» (...) «O poder verdadeiro está agora nas mãos de um conjunto de grupos económicos planetários (...) que são 'os novos senhores do mundo'».

Não é necessário este olhar universal do articulista que venho citando para que nós, desabitados de um leque de visão tamanho, percebamos como não são já a verdade, a justiça, o Bem Comum, o objectivo óbvio dos *media*, mas sim as audiências, quer dizer, os lucros. Os comunicadores de agora são cada vez menos vocacionados num sentido idealista de uma profissão que seria essencialmente serviço dos homens, para o serem cada vez mais numa perspectiva tecnicista que serve o interesse das empresas gigantescas que os contratam. Aqui, como des-

DOCTRINA



«Mas isto é família!»

ONTEM chegou aqui um automóvel de onde desceu um senhor. Despediu o carro, vira-se para mim e diz: «Eu venho para ficar e ver». Pois fique e veja, foi a minha resposta. Nós aqui não temos cortinas de ferro. Dei-lhe um cicerone e fui cuidar da minha vida. O senhor andou pela Aldeia todo aquele dia, silenciosamente. No fim da ceia foram-se os rapazes todos para as suas casas com os seus chefes, como é uso e costume. É às nove que eles saem da mesa e a hora de luzes apagadas, é uma hora depois. Saíram eles e ficámos nós. «Os senhores», como eles dizem, isto é, os professores, eu e, naquela noite, o Curioso também. Demorámo-nos uma meia hora, no fim da qual eu recomendei ao hóspede que fosse pelas casas ver o que faziam e como estavam os seus habitantes; o que ele fez.

EU também faço esta viagem de vez em quando para gozar o panorama. As nossas vivendas são de tal maneira construídas, que têm uma sala-de-estar independente dos dormitórios. É nestas salas que os rapazes passam o tempo que vai das nove às dez, com leituras e jogos; e alguns, por mais sonolentos, entram no dormitório, abrem o seu leito e deitam-se a dormir. Tudo como eles quiserem. Ora o visitante foi. Foi a algumas das vivendas e viu. Viu aquilo mesmo que eu muitas vezes tenho observado e quebrou o silêncio. O espanto encheu a medida a transbordar: «Mas isto é família; pois eu não vejo ninguém a vigiar!» Assim me falou no regresso da sua inspecção.

A minha pena é não termos ainda as salas-de-estar devidamente equipadas. Elas estão quase nuas; apenas uma mesa de eucalipto e alguns mochos em roda da mesa. Da única mesa. Os dados à leitura aninham-se no chão. Digo *ainda* porquanto esperamos trabalhar nas mobílias mal terminem as obras do derradeiro edifício da Aldeia — as Escolas. Então, sim. Ficamos sozinhos. O nosso mestre, os nossos aprendizes e mobílias prà frente. Apetrechar. Está tudo por fazer, mas temos a vontade e sentimos a necessidade. Cada salinha o seu conforto: bancos, mesas, estantes, jogos, livros — tudo quanto é dado a uma casa de família. «Mas isto é família!» Pois é, sim senhor.

Padre António S.

(Do livro *Isto é a Casa do Gaiato*, 2.º vol. — em reedi-

graçadamente em outras áreas da vida em sociedade, é um tempo alto de mercenarismo que, em nome do progresso, ridiculariza e pretende asfixiar as iniciativas de quem se não submete ao monolitismo tirânico dos poderes em moda, obcecados pelo dinheiro.

O dinheiro foi sempre e é, hoje com uma força avassaladora, a divindade de sinal contrário que procura e produz como nenhuma outra força a alienação do homem.

Os *media* de massas não escaparam à globalização, «na presente fase dela», ao estabelecer «brutal confronto entre o mercado e o Estado, entre o sector privado e os serviços públicos, entre o indivíduo e a sociedade, entre o íntimo e o colectivo, entre o egoísmo e a solidariedade» (O sublinhado é meu). Os *media* são mesmo um instrumento privilegiado para a globalização. E embrulhados na «preocupação de gigantismo dos grandes grupos económicos que os obriga a cortejar os outros poderes (...) já não têm o objectivo cívico de um *quarto poder* (...) e ainda menos de agir como contra-poder». Pelo contrário, arriscam-se a «ser um poder suplementar junto dos outros existentes, para esmagar os cidadãos como poder mediático».

É um juízo pesado o do articulista. Dele resulta um apelo ao tal *quinto poder* — «uma força cívica cidadã».

Padre Carlos

Momentos

Continuação da página 1

Povo português que toda a gente nos suplica que não desanimemos e prossigamos com a Obra do Padre Américo.

Não há mensagem que não expresse estes felizes sentimentos.

Até o apoio material tem aumentado. Apoio edificante e sacrificado.

Sentimos, mesmo, a intercessão do nosso Pai Américo e dos outros Padres que já vêem a face de Deus, numa contínua interferência.

De novo, tornámos a ser enxovalhados por uma revista, propriedade dos grandes e poderosos meios de comunicação social escrita. Repetindo o pretenso relatório da Inspeção da Segurança Social com data de 8 de Maio de 2002.

Será que o Ministro teria conhecimento dele? Permitted divulgar-lo sem nosso conhecimento e contradição?

A lei é assim atropelada sem que ninguém se oponha, só porque somos pobres e cristãos?

Terá o senhor Ministro mandado inspeccionar o seu inspector? Ou o dito goza de imunidade e tem poder para difamar impunemente como fazem os ditadores?

Até agora não conhecemos qualquer iniciativa que nos releve todas as largas e desonrosas calúnias.

O nosso amigo António Sarmento identificado com morada e Bilhete de Identidade, entre muitos outros, expressa-se assim: — na tal revista, que não identificamos para evitar publicidade — «A Casa do Gaiato é descrita como uma instituição anacrónica funcionando à margem das imposições legais.

É citado um relatório de inspectores da Segurança Social sobre a Casa do Gaiato de Paço de Sousa que refere maus tratos, abusos entre os educandos que trabalham 'em autêntico regime de escravatura' e conclui dizendo que a

Casa do Gaiato não pode continuar a albergar crianças por falta de condições.

Para quem conhece a Instituição e se apercebe do sentido humano profundo que ressalta de toda a sua actuação, desde a maneira como recebe os rapaziños perdidos, até ao modo como eles são recuperados, integrados e educados, só pode achar aquelas afirmações no mínimo ridículas.

O projecto do Padre Américo é o de um lar em que as crianças deverão encontrar um abrigo para o mundo perverso e cruel de que saíram.

E que neste abrigo descubram o amor que desconheciam e encontrem as condições necessárias para voltarem um dia ao mundo exterior (com o qual não perdem entretanto o contacto) já preparadas para o enfrentar.

O Padre Américo queria que as crianças crescessem em Comunidade numa Instituição que é delas e da qual aprendem a tratar, tornando-se elas próprias, para além de beneficiárias, também colaboradoras da Obra de recuperação dos seus irmãos em dificuldade.

Para esta Obra formou o Padre Américo a sua equipa de colaboradores que possibilitou a continuidade do seu trabalho. E por esta Obra deu o Padre Américo a sua vida, terminada abruptamente num desastre quando se deslocava ao serviço dos rapazes do gaiato.

Uma Comunidade é feita com o trabalho de todos e por isso todos nela trabalham. O trabalho é natural à medida das possibilidades e do gosto de cada um. Trabalho escravo é aquele que é imposto para proveito de outros. O trabalho dos gaiatos é voluntário, é um trabalho de aprendizagem para a vida e para a colaboração numa obra comum que irá ajudar outros que a ela vão recorrendo.

Em todas as comunidades há desvios e perversões. Porque há-de esta ser uma excepção?

Nem os gaiatos nem nós vivemos numa sociedade de anjos.

Os inspectores da Segurança Social podem estar bem intencionados. Mas os padrões que eles utilizam (leis, regulamentos, manuais de psicologia e de pedagogia...) são feitos para uma linha de abordagem diferente.

Não têm possibilidade de medir o efeito que o amor de quem sacrifica tudo o que normalmente se deseja da vida para se dedicar às crianças retiradas dum meio devastado pela miséria física e moral, pode ter sobre a recuperação da criança.

Há muitas maneiras de encarar e tratar os problemas da infância abandonada.

A filosofia da Obra da Rua não é a única que pode funcionar.

Mas funciona. E os resultados vêm-se pelos milhares de jovens que ela devolveu à Sociedade nestes últimos 50 anos.

Atacar esta Obra só porque o seu modelo não é igual ao que o Estado preconiza e pretende impor é um erro imperdoável.

A prudência mais elementar, para não falar em gratidão pelos serviços inestimáveis que ela tem produzido para o País, deveria aconselhar mais a rever a Lei adaptando-a a outras realidades, do que impor a sua aplicação cegamente, correndo o risco de desvirtuar a essência de instituições que estão no terreno há mais de meio século com os resultados que estão à vista de quem quiser ver.

A boa árvore conhece-se pelos frutos. Seria bom que este simples critério de avaliação não fosse nunca esquecido.»

Critério que é sempre actual. Se os frutos são bons, nos tempos de hoje, é porque os métodos não se revelam ultrapassados.

Padre Acílio

PENSAMENTO

A Obra da Rua que nascera com luz mortíça, é hoje farol. Trata-se de uma Obra humana à feição das almas; uma aplicação do Evangelho sem cerimónias.

PAI AMÉRICO



Alguns dos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Maputo (Moçambique).

MOÇAMBIQUE

Pequeninos órfãos

OS últimos pequeninos órfãos que nos têm aparecido, dada a saúde da Irmã, foram encaminhados para trabalhadores nossos que os adoptaram com muita alegria, porque não tinham filhos. Há dois, porém, que há mais de meio ano esperam o despacho de papéis para serem adoptados e seguirem para Espanha. Não é nada fácil a adopção e, entretanto, estão noutros casais. Pena que um deles com apenas seis meses é portador de HIV. Maior ainda pela nossa tristeza. A Irmã continua doente e todos os dias fazemos com fervorosa esperança a Oração a Pai Américo suplicando a sua cura.

Restam em Casa, com três anos, apenas dois: o Rui e o

David. O Rui, pela mesma razão esteve um ano em casa de uma senhora da Aldeia a quem pagávamos para que cuidasse dele. De dia vinha à Creche e ficava na casa da senhora. Ao Sábado e Domingo, como esta não funcionava, passava na porta e pedia ao guarda um pão (única palavra que sabia em português) e este ia à padaria e entregava-lho. Aconteceu um dia ser procurado pela Irmã Quitéria em casa da dita senhora e ela respondeu que andava a guardar o gado da Aldeia.

Foi nesse dia que veio para nós. Olhos muito grandes de uma vivacidade espantosa, na primeira refeição se aninhou ao colo do Vicente a quem passou a chamar pai. Depois de saciado, na mesa ninguém

mais o segurava. Vinha para a nossa, ia para outra, corria pelo refeitório, era um espectáculo a sua eléctrica alegria. Na oração, à noite, na Capela, gostava de vir para junto de mim, porque, certamente, sentia-se bem a olhar para todos à sua frente. Em poucos dias, com surpresa de todos, começou a adiantar-se. Com voz mais alta que a minha, começava: «Pai Nosso» e depois «Avé Maria» tudo tão bem pronunciado que, no princípio, os rapazes não continuavam sem antes se rirem para o Rui.

O David é um menino de uma candura angelical. Um olhar que cativa a todos. Um sorriso doce e triste ao mesmo tempo. Mas ele tão pequenino que nem bem sabe falar. Soube escolher o

Paulo como seu pai, que lhe acode sempre que está zangado. Às vezes, na refeição da noite, antes de comer dorme um pouco: é preciso forçar a comida na boca, para que o apetite seja mais forte do que o sono. Mas é o primeiro a sair do refeitório ao colo de um da sua mesa, porque não segura o corpo entorpecido pelo sono. Na oração da noite ninguém o segura. Corre pela Capela, dança com uma música que só ele ouve. Por vezes vem aninhar-se junto de mim, mas por pouco tempo. Ao Domingo, na Missa, quando estou sentado, vem agarrar-se às minhas pernas, chega a subir e aí fica a olhar para mim até se satisfazer com uma carícia e lá vai para outro lado, sempre sedento de carinho. Não conheceu pai nem mãe, senão aqui.

O Rui ainda tem pai e mãe. Esta, porém, juntou-se a outro que tem filhos e não quer os dela. O pai foi para outra mulher cheia de filhos e não aceita o dele. Estranhos segredos da Natureza. Estou convencido que nasceram para nós que os recebemos na hora, imaculados, ainda não marcados pela fome e a rejeição dos pais como outros que toda a vida hão-de amargar a rejeição e não há tio nem tia, nem avó que se doa com os da sua carne. Teríamos muitos casos a contar. A carestia de vida, a destruição dos valores morais ancestrais, em tempo de guerra, e, também, porque não dizê-lo, o modo de viver no traseiro (Pai Américo dizia na traseira) das cidades e da sociedade, desumanizou as pessoas. O que será dum país tão gangrenado?

Padre José Maria

CALVÁRIO

O Pepe

QUEM olha para este pequeno, imóvel na sua cadeira de rodas, depara com um ser frágil. No entanto, no rosto dele ressaltam dois olhos bem vivos e um sorriso suave que denota confiança. Não há nesta criança qualquer sinal de ansiedade ou preocupação, mas serenidade absoluta. É afinal um ser que está contente consigo próprio, que gosta de viver.

Ora a vida é um dom e o primeiro. Este pequeno aprecia o dom que é a vida. E é feliz por isso.

Muitos ao vê-lo afirmam que seria melhor Deus tê-lo levado. Mas ele gosta de viver. E o seu viver é ocasião para tantos apreciarem melhor a vida que possuem.

Em todas as culturas, mas sobretudo hoje no primeiro mundo, a sociedade divide os homens em ricos e pobres, em poderosos e fracos, em cultos e incultos, em sãos e doentes, em felizes e infelizes. Os primeiros são aqueles que usufruem de uma vida positiva enquanto que os segundos arrastam uma vida negativa. Para muitos a vida só vale se nela existirem elementos que afirmam serem positivos. Mas o Pepe desmonta isto tudo. Pode-se ser feliz, mesmo com a vida considerada negativa. Os acessórios não são causa da felicidade verdadeira, mas até, por vezes, estorvo e engano. Por isso, há tantas vidas, plenas de bens e de saúde, sem sentido algum.

A alegria deste pequeno incomoda os conceitos do homem moderno.

Alguns visitantes afirmam que o mais perturbante na visita que nos fazem é a alegria dos doentes.

Na vida deste pequeno não existem os acessórios que todos desejam para serem felizes. Ele é um ser pobre, pobre de tudo. Mas é feliz: basta olhar para ele para o percebermos. Isto interroga, perturba naturalmente. Por isso ele é ocasião de cura para tantos. A sua paz irradia paz. A sua calma semeia serenidade. A sua fragilidade desperta maior apreço pela vida.

Uma senhora de Lisboa, com noventa anos feitos, escreveu-me agradecendo o bem que o Pepe lhe tem feito: «Vou aprender com o Pepe a ter mais paciência com os outros».

Sem o saber o Pepe está a semear o bem. A lembrança deste pequeno vai no coração e na mente de quem o visita.

Padre Baptista